

## “Kant e o problema da coisa em si no Idealismo Alemão”

De Juan Adolfo Bonaccini (Ed. Relume Dumará) é uma leitura do fulcro do Idealismo (e Romantismo, não analisado aqui) Alemão. Mas não só.

Numa primeira parte, intitulada “Contribuição à história da questão: a polémica em torno da coisa em si nos primórdios do Idealismo Alemão. Personagens e objecções”, Bonaccini faz a história da recepção do problema na *aetas kantiana* mostrando as dificuldades que a admissão de tal conceito implica. Neste sentido, os habitualmente chamados idealistas (Fichte, Schelling, Hegel) receberam um conjunto de posições já delimitadas pela recepção de primeira hora, em particular a de Jacobi, o verdadeiro herói desta obra. Daí que a apresentação dos argumentos de Jacobi (pp. 41-52) no apêndice da sua obra *Hume über den Glauben oder Idealismus und Realismus. Ein Gespräch* constitua o miolo das acusações: solipsismo, cepticismo e impossibilidade da afecção por uma coisa em si. É estas teses que constituem o padrão pelo qual Bonaccini vai aferir todas as outras respostas (Reinhold, Maimon, Schulze, Beck). Da discussão imediata das teses de Kant, o Idealismo Alemão herda caminhos já esboçados que irá desenvolver com o brilhantismo e tecnicidade já conhecidos. É esse desenvolvimento que Bonaccini rastreia, ao analisar a trajetória que o conceito efectua nas obras de cada elemento da tríade já clássica. A conclusão da primeira parte mostra as vicissitudes históricas do conceito, mas se o desacordo e a polémica puderam surgir é porque tal possibilidade estava inscrita no próprio texto. Daí que o autor regresse à *Crítica da Razão Pura*, na segunda parte, intitulada “Investigação acerca da possível origem das dificuldades: o conceito de “coisa em si” na *Kritik der reinen Vernunft* (1781-1787), a fim de fazer um levantamento e uma análise dos passos onde se joga o decisivo da questão (Estética Transcendental, Refutação do Idealismo, Sobre o fundamento da distinção entre fenómenos e noumenos), completando a tarefa com o escrutínio das teses interpretativas mais significativas (Prauss e Allison, por exemplo) a propósito da afecção. Aqui o peso das objecções do autor recai na análise da Estética, que deveriam ter sido complementadas com o estudo da Dialéctica Transcendental cujas análises são imprescindíveis a uma correcta compreensão do problema – esta lacuna é talvez o ponto negativo do livro de Bonaccini. Nesta segunda parte, o foco não deixa de se escorar nas objecções de Jacobi (veja-se em particular o estudo da Refutação do Idealismo e do papel do céptico pp. 287-304), o que mostra bem como, apesar das diferentes leituras e da crescente distância histórica, o texto de Kant foi desde logo compreendido com todas as suas dificuldades e aporias, o que explica parcialmente o deslocamento nos estudos kantianos que desde da década de 70 privilegiam cada vez mais a Crítica da Faculdade do Juízo e dos textos políticos. Assim, o texto de Bonaccini oferece um excelente ponto da situação a quem quer que se interesse por Kant. Sobre a terceira parte *silemus*. JTP.